

LECTOR SCRUPULOSUS: SOBRE A RECEPÇÃO DAS METAMORFOSES DE APULEIO

Rayana da Costa Teles Barreto*, Isabella Tardim Cardoso

Resumo

São escassos os testemunhos acerca da recepção das *Metamorfoses* (ou *O Asno de Ouro*) de Apuleio (125-170? d.C) (e dos “romances antigos” em geral) em sua própria época (Harrison, 2003; Carver, 2007). Nesse sentido, o presente trabalho visa tratar de tal questão, por meio de apreciação de trechos das *Metamorfoses* em que a comunicação entre o texto e o leitor são tematizadas, i.e. nos quais o leitor é abertamente referido em meio à narrativa. Para tanto, a análise se embasará em teóricos da Recepção, tais como Iser (2002 [1989]). Ao apreciar dessa forma a imagem (ou imagens) do leitor apuleiano em *Metamorfoses*, constatamos que a história abriga certas expectativas e pressupostos sobre esse leitor. Nos próximos passos do estudo, analisaremos em que medida, e de que maneira, a sedutora e misteriosa narrativa joga com a autonomia crítica de tal leitor. Com a investigação, procuramos oferecer uma modesta contribuição para pesquisas sobre a obra de Apuleio, escassas em nosso país, inclusive na área de Estudos Clássicos.

Palavras-chave:

O Asno de Ouro/Metamorfoses, leitor, Teoria da Recepção.

Introdução

As linhas gerais das *Metamorfoses* de Apuleio (125-170? d.C), “romance” antigo também conhecido como *O Asno de Ouro*, narram a história de Lúcio, um jovem abastado, que chega a cidade da Tessália, conhecida por ser palco de mistérios e feitiçaria. A ficção apuleiana foi por muito tempo apontada como mera diversão, destinada a um público massificado. No entanto, a potencialidade literária da obra, em sua complexidade textual propriamente dita, passa a ser analisada por meio de estudos aprofundados a partir do início do século XX (Harrison, 2003). Hoje as *Metamorfoses* tendem a ser reconhecidas como uma narrativa sofisticada e de complexidade hermenêutica (Carver, 2007). A crítica outrora se baseava, sobretudo, em aspectos extralinguísticos para criticar (ou rejeitar) a obra apuleiana: seu formato de ficção em prosa parecia “ter nascido, antes de tudo, para o entretenimento das pessoas” de pouca instrução (ver discussão em Cavallo, 1997, p.88). Com uma revisão do estatuto do texto, passa a ser reconhecida sua impressionante capacidade de produzir, em diferentes épocas e lugares, diversas leituras sob várias perspectivas (histórica, filosófica, psicanalítica, teológica, entre outras). No entanto, falta ainda revisar a imagem, ou, melhor dizendo, as imagens do leitor que surgem nas *Metamorfoses*; e este é o objetivo do presente estudo.

Resultados e Discussão

Tal como o título *Metamorfoses* sugere, esse romance tem caráter polimorfo. Observá-lo mais de perto revela não apenas (a) seus conteúdos variados – tais como magia, criminalidade, escravidão, aristocracia, religião, histórias de adultério, sodomia, mitos, bestialidade. Descobrem-se também dois outros aspectos: (b) sua capacidade de transitar entre diferentes tons e formas de acordo com a temática, e, o que interessa particularmente a esta pesquisa, (c) as micronarrativas no interior da obra. Estas parecem esperar por serem costuradas pela linha interpretativa de cada leitor em seu tempo. Considerando o leitor enquanto produtor de sentidos interpretativos a partir dos efeitos que o texto lhe confere (Iser, 2002), concentramo-nos nas passagens das *Metamorfoses* em que o termo *lector* é mencionado

(seguimos a edição latina de Robertson, 1989). Tais passagens estão em *Met.* 1.1 (*lector*), 9.30 (*lector scrupulosum narratum*), 10.2 (*lector optime*) e 11.23 (*studiose lector*). Observamos, por exemplo, que o prólogo (*Met.* 1.1), com a promessa de entreter o leitor por meio de diversas histórias (*uarias fabulas*), leva a pressupor, num primeiro momento, a exigência de um nível de leitura disperso, menos aprofundado. Mas, por outro lado, tal passagem também exige a atenção do leitor (*lector intende: laetaberis* 1.1), sendo um primeiro indício de que a história pode ter certa complexidade narrativa. A passagem das *Met.* 9.30 pressupõe um leitor que espere uma narrativa meticulosa (*lector scrupulosum... narratum*), que viesse questionar a verossimilhança da narrativa; já em *Met.* 11.23, pressupõe-se um leitor muito interessado (*studiose lector*), que exigiria maiores detalhes dos acontecimentos narrados.

Conclusões

Analisando-as em seu contexto literário, constatamos que as imagens de um leitor escrupuloso (*Met.* 9.30), refinado (*Met.* 10.2) e estudioso (*Met.* 11.23), evocadas no texto das *Metamorfoses*, sugerem que a própria narrativa do “romance” apresenta expectativas sobre seu leitor. A promessa de entretenimento, presente no prólogo da obra, não descarta a comunicação com um leitor escrupuloso (*Met.* 9.30), cujo papel seria reconhecer as diferentes camadas de leitura e interpretação que o texto pode suscitar. Contudo, a forma como tal leitor, mais instruído e crítico, pode lidar com as contradições e mistérios da narrativa será objeto do aprofundamento de nossa investigação.

CARVER, R.H.F. *The Protean Ass: The Metamorphoses of Apuleius from Antiquity*, Oxford D.Phil.thesis. Oxford University Press. 2007 (1991).

HARRISON, S. J. “Constructing Apuleius: The Emergence of a Literary Artist”. *Ancient Narrative*, p. 143-171, 2003.

ISER, W. (2002 [1989]) “O jogo do texto”. In: LIMA, L. C. (ed.); *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2002, pp. 105-118.

ROBERTSON, D. S. (ed.) Apulée. *Les Métamorphoses*. Tradução de Paul Vallete. Paris: Les Belles Lettres, 1989, vol. 1,2,3.